

Skinner vai ao cinema 3



Organizadoras

Ana Karina Curado Rangel de-Farias
Michela Rodrigues Ribeiro



Skinner vai ao Cinema

Volume 3

www.walden4.com.br

Ana Karina Curado Rangel de-Farias
Michela Rodrigues Ribeiro
Organizadoras

2016
Instituto Walden4, Brasília

CAPÍTULO 2

“NA NATUREZA SELVAGEM”: ANÁLISE FUNCIONAL E O ENSINO DE CONCEITOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.

Paulo Guerra Soares
Universidade Norte do Paraná

Sérgio Dias Cirino
Universidade Federal de Minas Gerais

Carlos Renato Xavier Cançado
Universidade de Brasília

Carlos Eduardo Costa
Universidade Estadual de Londrina

Título do filme: Na natureza selvagem

Título original: Into the wild

Ano: 2007

Diretor: Sean Penn

Produtor: Sean Penn, Art Linson e Bill Pohlad

Lançado por: River Road Entertainment

Na natureza selvagem

Em 1992, o corpo de Christopher Johnson McCandless (Chris), um jovem de classe média de 24 anos e ex-aluno da Emory University, foi encontrado em um ônibus abandonado nas montanhas do Alasca, nos Estados Unidos. Junto a seu corpo foram encontrados livros e seu diário. Chris havia abandonado sua casa há 2 anos e tinha viajado pelos Estados Unidos, a maior parte do tempo pedindo carona. No Alasca, o jovem estava vivendo em um ônibus abandonado há algum tempo, alimentando-se de caça e frutas silvestres. Investigações revelaram que ele estava extremamente mal preparado para viver naquele lugar e que a provável causa de sua morte foi inanição. Chris não havia levado provisões suficientes e não tinha conhecimento avançado sobre caça e sobrevivência na mata. Contudo, algumas pessoas que conviveram com ele afirmaram que estava seguro sobre seus planos e que era impossível fazê-lo mudar de ideia.

O que fez um jovem aparentemente saudável, com uma condição financeira estável e descrito como uma pessoa inteligente se encontrar em uma situação como aquela? Por que Chris resolveu abandonar sua vida na cidade e se arriscar, sozinho, na natureza selvagem? O apresentador de um programa de televisão estadunidense sugeriu que Chris estaria “testando seus limites”. O escritor John Krakauer, autor do livro “Na natureza selvagem” (1996/2008), que descreve a vida de Chris, lança mão de explicações metafísicas e hereditárias: “impossível saber que convergência obscura de cromossomos, dinâmica familiar e alinhamento das estrelas foi responsável [pelo comportamento de Chris], mas Christopher Johnson McCandless veio ao mundo com dons incomuns e não seria desviado facilmente de sua trajetória” (p. 116).

O objetivo deste capítulo é apresentar uma interpretação analítico-comportamental do comportamento de Chris durante os anos em que deixou sua casa e viajou pelos Estados Unidos. Espera-se que a presente análise possibilite o uso do filme no ensino de conceitos da Análise do Comportamento, como história comportamental, comportamentos de fuga e esquiva e equivalência de estímulos, assim como no ensino da interpretação de fenômenos comportamentais baseada nesses e em outros conceitos analítico-comportamentais. Após uma descrição do conceito de análise funcional, será proposta uma análise interpretativa do comportamento de Chris, com base nas informações contidas no filme “Na natureza selvagem” e no livro homônimo de John Krakauer (1996/2008).

Análise Funcional do Comportamento

O comportamento dos organismos produz alterações ambientais que modificam a probabilidade de emissão de comportamentos semelhantes em outros contextos (Skinner, 1948/1978). De acordo com Skinner (1953/2000; ver também Catania, 1998/1999), uma análise funcional do comportamento dos organismos envolve a

Na natureza selvagem

descrição de relações entre o comportamento e as variáveis ambientais presentes e históricas das quais é função.

Em uma análise funcional do comportamento, faz-se a descrição (a) das situações em que o comportamento ocorre – os estímulos antecedentes; (b) o que o organismo faz; e (c) quais as consequências produzidas pelas ações do organismo. A relação entre (a), (b) e (c), denominada tríplice contingência, é uma unidade conceitual fundamental na análise funcional do comportamento dos organismos baseada na Análise do Comportamento. Cabe ressaltar que a decomposição do processo comportamental em estímulos antecedentes, respostas e consequências constitui-se como uma estratégia pragmática de análise. De acordo com Lopes (2008), as relações estabelecidas entre as respostas do organismo e as variáveis ambientais ocorrem ao longo de toda a vida do indivíduo, como um fluxo. Porém, para que seja estudado sistematicamente, é necessário fazer recortes, relativamente arbitrários, nesse fluxo. A análise funcional – utilizando-se da tríplice contingência como unidade de análise – é uma ferramenta que permite tais recortes.

É importante ressaltar também que a Análise do Comportamento é uma ciência histórica, influenciada pelo modelo selecionista de Charles Darwin (Skinner, 1981/2007; Staddon & Simmelhag, 1971; ver também Donahoe & Palmer, 1994). Dessa forma, as relações que são descritas por meio de uma análise funcional foram construídas ao longo da história de exposição de cada indivíduo a contingências de reforço e punição. Portanto, a “história de vida de um indivíduo é essencial para a compreensão de seu comportamento atual” (Meyer, 2001, p. 32). Comportamentos tornam-se mais ou menos prováveis em função de, no passado, terem produzido consequências reforçadoras ou punitivas, respectivamente, e também da similaridade funcional entre as contingências presentes e passadas. Assim, para explicar o comportamento de um indivíduo, deve-se descrever as variáveis presentes que controlam seu comportamento e a história que estabelece as funções controladoras destas variáveis (Costa, Cirino, Cançado & Soares, 2009; Freeman & Lattal, 1992; Okouchi, 2003).

A análise funcional do comportamento tem se mostrado uma ferramenta útil para entender o comportamento dos organismos. É importante ressaltar que as análises descritas neste capítulo foram baseadas no filme sobre a vida de Chris McCandless, que, por sua vez, foi baseado no livro de Krakauer (1996/2008), escrito a partir de informações contidas no diário de Chris e do relato de algumas pessoas que conviveram com ele. Ainda que fosse possível obter relatos verbais do próprio Chris, não poderíamos afirmar que a análise proposta pelo presente trabalho estaria completa, pois Chris poderia não ser capaz de descrever as variáveis das quais seu comportamento foi função (i.e., o comportamento verbal é também comportamento determinado por variáveis ambientais e não necessariamente serve como evidência de outras relações funcionais entre organismo e o ambiente; Skinner, 1957/1978). No pre-

Na natureza selvagem

sente capítulo, pretende-se apresentar uma *interpretação* do comportamento *baseada* em uma perspectiva que enfatiza a análise histórica da relação organismo-ambiente. Portanto, alguns eventos do passado de Chris foram selecionados e estabeleceu-se uma relação com a classe de comportamentos de abandonar sua casa e iniciar sua viagem. Uma análise do comportamento de Chris McCandless baseada nos relatos sobre sua vida contidos no filme e no livro pode auxiliar no entendimento de como relações semelhantes às que controlavam o comportamento de Chris podem ocorrer em outros contextos.

Antes da Viagem: Aspectos da História de Chris

Chris McCandless nasceu no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, em fevereiro de 1968. Seu pai, Walt McCandless, era um ex-funcionário da NASA que presidia uma empresa de consultoria. Sua mãe, Billie McCandless, havia sido secretária de Walt na NASA e, depois, tornou-se sua parceira na empresa. Chris tinha uma irmã 3 anos mais nova chamada Carine. Quando os pais de Chris fundaram a empresa de consultoria, passaram por dificuldades financeiras que motivaram discussões e brigas constantes. Isso provavelmente contribuiu para a relação de proximidade entre os irmãos, como relata Carine: “acho que era uma das razões porque Chris e eu éramos tão próximos” (Krakauer, 1996/2008, p. 117).

Apesar disso, relatos de familiares indicam que o período da infância de Chris foi marcado por muitos momentos de alegria. Quando tinha 8 anos, Chris foi levado pelo pai para sua primeira viagem de mochila nas costas e para escalar uma montanha. Escalar tornou-se um hábito frequente de ambos. O avô de Chris, Loren Johnson, morava em uma cabana na floresta e tinha uma admiração especial pela vida selvagem. Segundo Krakauer (1996/2008), o “conhecimento do mato que o velho tinha, sua afinidade com a natureza, deixaram uma impressão profunda no menino” (p. 119).

Porém, apesar de se relacionarem aparentemente bem, Chris e seu pai tinham divergências. Walt sempre foi uma pessoa “acostumada a dar ordens” (Krakauer, 1996/2008, p. 115). Chris, por outro lado, parecia sempre agir conforme lhe cabia. Em seu último ano de colégio, disse aos pais que não gostaria de frequentar a universidade, argumentando que carreiras eram invenções do século XX e que não valiam à pena. Seus pais demonstraram bastante irritação com esta atitude e, com dificuldade, conseguiram convencê-lo de que era importante obter um diploma universitário. Durante os períodos de colégio e universidade, Chris era bastante estudioso e preocupado com desigualdades sociais. Suas notas estavam sempre entre as melhores da classe. Gostava muito de ler e tinha entre seus livros preferidos “Walden” (que, mais tarde, levaria para o Alasca), de Thoreau, manifesto contrário à sociedade industrial no qual o autor propõe o retorno a uma vida simples e autossu-

Na natureza selvagem

ficiente. Entre seus autores preferidos também estava Jack London, autor do livro “O chamado da floresta”, que conta a história de um cão domesticado que se deixa levar por seus instintos e se une a uma alcateia de lobos selvagens a fim de retirar-se da civilização. Outro autor de quem Chris parecia gostar muito era Tolstoi, conhecido por abandonar uma vida de riqueza para viver entre os menos favorecidos economicamente, defendendo a vida simples e pacífica como ideal.

Quando se formou no colégio, Chris comprou um carro velho e viajou pelos Estados Unidos durante as férias de verão. Quando estava na Califórnia, visitou antigos amigos da família. Neste momento, Chris descobriu alguns fatos do passado de sua família que desconhecia. Seu pai, quando começou a se relacionar com sua mãe, era casado com uma mulher chamada Marcia. Quando Chris nasceu, ele ainda não havia se divorciado e mantinha, em segredo, as duas famílias. Depois do nascimento de Chris, Walt e Marcia ainda tiveram outro filho. Quando a vida dupla de Walt foi revelada, ele se divorciou de Marcia e mudou-se da Califórnia com Billie, Chris e Carine. Estes fatos nunca haviam sido relatados a Chris e Carine. De acordo com Krakauer (1996/2008):

“O menino não conseguia perdoar os erros que o pai cometera quando jovem e estava ainda menos disposto a perdoar a tentativa de esconder os fatos. Mais tarde, declarou a Carine e a outros que a impostura cometida por Walt e Billie fazia ‘toda sua infância parecer uma ficção’” (p. 132).

O relacionamento de Chris com os pais mudou profundamente após essa viagem de verão. Ficou mais distante e interagiu cada vez menos com eles. Mudou-se para Atlanta para cursar a universidade e não tinha sequer telefone. Comunicar-se com Chris era muito difícil e até seus amigos estranharam as mudanças em seu comportamento. E assim permaneceu até sua formatura na universidade. Pouco depois, tomou uma decisão radical: arrumou sua bagagem, doou o dinheiro em sua poupança para um fundo de caridade e desapareceu da vista de sua família.

A Viagem

O filme “Na natureza selvagem” mostra claramente a relação que Chris estabelecia com o dinheiro e com outros ícones da sociedade ocidental na época em que viveu. Numa das cenas, por exemplo, Chris quebra cartões de crédito, identificações da universidade, e queima seu cartão do seguro social (equivalente ao CPF no Brasil). Essa cena marca o momento em que sua vida toma uma nova direção. Na cena seguinte, ele entra no carro e embarca numa viagem, de aproximadamente 2 anos, cujo destino final seria o Alasca.

Chris dizia que seu objetivo era ir para o Alasca para viver apenas com aquilo que a natureza lhe proporcionasse, sem a necessidade de outros bens materiais produzi-

Na natureza selvagem

dos pela sociedade, com os quais não se importava muito. Quando se formou na universidade, por exemplo, seus pais lhe ofereceram um carro novo, pois consideravam aquele que possuía velho e pouco confiável. Chris não aceitou e demonstrou insatisfação com a atitude dos pais. Para ele, os pais queriam lhe dar um carro novo para que os vizinhos não comentassem sobre quão velho estava o seu. Poucos dias após deixar Atlanta, abandonou seu carro e seguiu caminhando a pé. Antes de abandonar o carro, Chris armou uma fogueira e, segundo Krakauer (1996/2008), “num gesto que deixaria Thoreau e Tolstoi orgulhosos” (p. 40), ateou fogo em todo o dinheiro que levava consigo.

Chris também parecia não se importar com as pequenas desavenças que tinha com as autoridades (Krakauer, 1996/2008). Durante sua viagem, ignorou inclusive um aviso de que estava entrando em uma zona de testes militares e de acesso restrito ao exército. Chris parecia estar decidido a ir ao Alasca e a viver isolado na natureza. Comprou um rifle e fez aulas de caça. Quando perguntado se tinha licença para caçar, ele respondeu com desdém: “Claro que não. (...) O jeito como eu me alimento não é da conta do governo. Fodam-se as regras estúpidas deles” (Krakauer, p. 18). O filme mostra Chris descendo um perigoso rio em um caiaque sem utilizar capacete, ignorando os avisos de que deveria fazer um curso para aprender a remar. Tanto no filme quanto no livro, há relatos de Chris pegando carona em ferrovias, o que é proibido pelas leis estadunidenses. Como resultado, ele chegou a ser detido pela polícia por alguns dias.

Ao sair de Atlanta, Chris decidiu que precisava de um novo nome. Uma nova vida parecia exigir uma nova identidade. De acordo com Krakauer (1996/2008), esta atitude marca uma ruptura completa com sua vida anterior. Então, Chris McCandless passou a se chamar Alex Supertramp (*Supertramp* pode ser traduzido como “Super-andarilho” ou “Super-mendigo”). Nem o filme, nem o livro sobre a vida de Chris mencionam isso, mas pode-se supor que o nome adotado por Chris tenha sido influenciado pelo grupo musical britânico *Supertramp*, cujas canções criticam diversos aspectos da sociedade ocidental, como o processo de educação formal; Butchart & Cooper, 1987).

Durante sua jornada, Chris conheceu várias pessoas que o ajudaram com caronas, abrigo e propostas de trabalho. Algumas dessas pessoas tiveram destaque especial em sua aventura: Wayne Westerberg, dono de um elevador de cereais; Jan Burres e seu namorado Bob, um casal de *hippies* andarilhos; e Ron Franz, um viúvo e veterano de guerra. Em diferentes momentos, essas pessoas acolheram Chris como um membro de sua família.

Chris trabalhou para Westerberg duas vezes. Eles se entendiam muito bem e conversavam bastante sobre tudo. Por diversas vezes, Wayne e sua namorada, Borah,

Na natureza selvagem

tentaram convencê-lo a continuar trabalhando no elevador de cereais em vez de ir para o Alasca. Westerberg chegou até mesmo a aproximá-lo de sua família, algo que não costumava oferecer a seus empregados. Porém, por mais hospitaleiros que fossem, Wayne e Borah não conseguiram convencê-lo a desistir de ir para o Alasca: “Depois que Alex decidia alguma coisa não havia como fazê-lo mudar” (Krakauer, 1996/2008, p. 78).

Jan Burres e Bob deram carona para Chris e os três passaram alguns dias acampando juntos pela estrada. Jan tinha um filho, do qual não tinha notícias havia 2 anos. Por isso, a história de Chris e o fato de ter abandonado sua família aparentemente tiveram um impacto sobre ela. Jan perguntava frequentemente a ele sobre sua família, se eles sabiam onde ele estava, e o alertava sobre o quanto este tipo de atitude poderia machucá-los. O incômodo de Chris com as perguntas era tanto que ele dizia para Jan parar de tentar ser sua mãe. Jan e Bob tentaram convencer Chris a entrar em contato com seus pais e a ficar mais tempo no acampamento, mas não tiveram sucesso.

Outra pessoa que acolheu Chris como membro de sua família foi Ron Franz. Este ex-militar havia perdido a esposa e o único filho em um acidente automobilístico e, quando encontrou Chris, interessou-se por sua história. De acordo com Krakauer (1996/2008), Ron ofereceu dinheiro para que Chris pudesse continuar sua jornada, mas este tipo de ajuda era prontamente recusado. Chris passou alguns dias no apartamento de Ron e, antes de partir, recebeu um convite inusitado: Ron propôs que Chris o deixasse adotá-lo como seu neto. Chris declinou, dizendo para conversarem sobre o assunto quando ele voltasse do Alasca.

Dois anos após peregrinar pelos Estados Unidos e pelo México, Chris chegou ao Alasca. No final do inverno, quando a neve ainda estava alta, atravessou o rio Teklanika, que se encontrava parcialmente congelado, e montou acampamento em um ônibus abandonado. Permaneceu neste local por mais de 100 dias, vivendo da caça, frutos e plantas silvestres. Chris tinha feito aulas de caça e possuía um livro sobre a flora da região, o que permitia identificar quais plantas poderia comer. Curiosamente, uma das hipóteses para a morte de Chris é ele ter se enganado e ingerido uma planta venenosa.

Antes de morrer, todavia, Chris tentou voltar. Arrumou as malas, deixou para trás o ônibus abandonado e tentou voltar do Alasca para a civilização. O rio Teklanika, porém, havia descongelado e Chris não foi capaz de atravessá-lo. Decidiu, então, permanecer no ônibus. Krakauer (1996/2008) relata que as coisas pioraram para ele desde então: a caça tornou-se rara e já não conseguia coletar plantas e frutos suficientes para se sustentar. Antes de morrer reconheceu, por escrito, que a “felicidade só é verdadeira quando é compartilhada”.

Uma Análise Funcional do Comportamento de Chris

Após esta revisão de alguns aspectos da história de vida de Chris, o próximo passo consiste em descrever como estes eventos podem ter controlado o comportamento de Chris de abandonar sua família e se aventurar pelos Estados Unidos.

A primeira característica é que comportamentos como escalar montanhas e acampar pareciam ser intrinsecamente reforçadores e eram reforçados socialmente, inclusive pelo pai de Chris (sobre consequências intrínsecas e extrínsecas, ver Andery & Sério, 2004). O rapaz entrou em contato com este tipo de contingência ainda jovem, e este contato parece ter sido reforçador, já que Krakauer (1996/2008) afirma que escalar se tornou uma tradição para Walt e Chris. Em uma perspectiva analítico-comportamental, comportamentos que tenham sido reforçados no passado tendem a ser emitidos com maior frequência em situações semelhantes (Catania, 1998/1999; Skinner, 1953/2000). Seu avô materno também parecia reforçar comportamentos de Chris em relação à natureza e provavelmente Chris aprendeu suas primeiras noções de caça com o avô. Havia semelhanças entre o comportamento de Chris e de seu avô. Walt conta que o “pai de Billie não se enquadrava muito bem na sociedade (...). Em muitos aspectos ele e Chris eram bem parecidos” (Krakauer, p. 118). Uma interpretação é que o comportamento do avô serviu como um modelo para Chris de como se comportar em relação à natureza e a outros aspectos da sociedade em que viviam.

De acordo com Catania (1998/1999), as pessoas também aprendem a se comportar observando o comportamento de outras pessoas. Quando uma pessoa se comporta de acordo com um modelo, tende a entrar em contato com os reforçadores que controlam o comportamento do modelo. Assim, os reforçadores produzidos pelo comportamento da pessoa que segue o modelo aumentam a probabilidade de se comportar de acordo com o modelo em situações semelhantes. Uma primeira característica que poderíamos descrever de Chris, portanto, é a de alguém com alta probabilidade de emitir comportamentos que o colocassem em contato com a natureza. E, importante, essa característica foi modelada e reforçada durante sua infância e adolescência.

Enquanto esteve no colégio e na universidade, Chris costumava ler muito. Talvez regras de como se comportar descritas por seus autores preferidos tenham influenciado seu comportamento. Em um dos livros encontrados junto a seu corpo no Alasca, “Walden”, o autor sugere que “por simples ignorância e equívoco, muita gente (...) se deixa absorver de tal modo por preocupações artificiais e tarefas superflua-mente ásperas, que não pode colher os frutos mais saborosos da vida” (Thoreau, 1962, p. 261). Os efeitos das regras sobre o comportamento humano são descritos, por exemplo, por Skinner (1969; ver também Baum, 1994/2006, e Meyer, 2005). De

Na natureza selvagem

acordo com Skinner, regras são descrições de contingências de reforço e punição, ou aspectos dessas contingências, isto é, descrições de relações entre o comportamento e variáveis ambientais, ou, às vezes, apenas de aspectos do comportamento. Uma análise da citação de Thoreau, acima, permite identificar algumas destas contingências: ao se comportar em função de tarefas árduas estabelecidas socialmente (provavelmente em função de reforçadores negativos), as pessoas deixam de produzir reforçadores positivos (*e.g.*, trabalhar excessivamente ou ter preocupações artificiais pode ser importante em determinado contexto, mas ao se comportar desta maneira os indivíduos podem não entrar em contato com outros aspectos da vida, como relacionamentos, lazer, descanso). Em uma carta enviada a Ron, Chris o aconselha a mudar radicalmente de vida, emitindo (ou repetindo) regras que descrevem contingências semelhantes às aquelas descritas por Thoreau:

“Tanta gente vive em circunstâncias infelizes e, contudo, não toma a iniciativa de mudar sua situação porque está condicionada a uma vida de segurança, conformismo e conservadorismo, tudo isso que parece dar paz de espírito, mas na realidade nada é mais maléfico para o espírito aventureiro do homem do que um futuro seguro” (Krakauer, 1996/2008, p. 67).

Outros efeitos dessas regras podem ser observados em diversos comportamentos de Chris, principalmente naqueles relacionados aos bens materiais, como quando se recusa a aceitar um novo carro de seus pais ou quando doa seu dinheiro a instituições de caridade. Em uma carta à irmã, Chris, queixando-se do fato de os pais dizerem que lhe comprariam um carro novo, relata que deveria ser “realmente cauteloso em não aceitar nenhum presente deles no futuro porque pensarão que compraram meu respeito” (Krakauer, 1996/2008, p. 32). Durante a faculdade, Chris cursou disciplinas que versavam sobre desigualdades sociais. Pode-se supor que o comportamento de Chris em relação aos bens materiais resulte, também, de uma história de entrar em contato com a descrição destas desigualdades. Ao cursar uma disciplina na universidade sobre o *apartheid* na África, por exemplo, Chris pode ter entrado em contato com descrições de contingências (nos livros de História) que ressaltavam desigualdades sociais produzidas por regimes políticos, tão criticados por seus autores favoritos (ver Galizio, 1979, e Matos, 2001, por exemplo, para discussões sobre os determinantes do comportamento de seguir regras).

O comportamento de Chris, desde criança, parecia ser mais controlado por regras descritas por seus autores favoritos do que por regras descritas por seus pais. Krakauer (1996/2008) relata que, certa vez, Walt e Chris jogavam raquetebol e o pai, mais experiente, orientava o rapaz sobre possíveis falhas em seu modo de jogar, mas Chris ignorava qualquer tipo de instrução. Em outra ocasião, Walt e Chris (então com 12 anos) foram escalar um pico de mais de 4.000 metros de altura. Ao chegarem próximo ao topo, Walt sentiu os efeitos da altitude e decidiu voltar. Chris queria continuar e seu pai disse que ele não poderia sozinho. Walt, porém, relatou que

Na natureza selvagem

se ele “tivesse catorze ou quinze, teria simplesmente ido em frente sem mim” (Kra-kauer, p. 119). Todavia, o não seguimento das regras apresentadas pelo pai pareciam não provocar conflitos mais intensos entre Chris e a família.

Uma característica do comportamento governado por regras é que esse comportamento deve, também, ser modelado por contingências (i.e., é um comportamento de ordem superior; cf. Catania, 1998/1999). Assim, mesmo quando o comportamento governado por regras é aparentemente insensível às consequências, ele pode ser afetado por elas. Pesquisas (e.g., Albuquerque, dos Reis & Paracampo, 2008; Calixto, Ponce & Costa, 2014; Galizio, 1979) têm demonstrado variáveis que influenciam o grau de controle de regras sobre o comportamento. No caso de Chris, o comportamento de seguir algumas regras de certos autores que lia era, provavelmente, mais reforçado (social ou naturalmente) do que o comportamento de seguir regras de seus pais.

Talvez um fato que tenha influenciado o comportamento de Chris de abandonar a família foi saber sobre o que havia acontecido em relação ao antigo casamento de Walt. Após descobrir, o comportamento de Chris em relação a seus pais mudou radicalmente. Em seu exemplar do livro “Walden”, o seguinte trecho encontrava-se sublinhado:

“Mais que amor, dinheiro e fama, dai-me a verdade. Sentei-me à mesa onde a comida era fina, os vinhos abundantes e o serviço impecável, mas faltavam sinceridade e verdade, e fui-me embora do recinto inhóspito sentindo fome”² (Thoreau, 1962, p. 569).

Estas descrições de contingências contrastam com o comportamento dos pais de Chris, que não lhe contaram, por exemplo, que seu pai manteve paralelamente duas famílias. Na história de Chris, seguir regras emitidas pelo pai parecia ser pouco provável. A partir deste contraste entre o comportamento dos pais e as regras emitidas por seus autores (que pareciam influenciar consideravelmente seu comportamento), provavelmente os pais não tenham se tornado modelos de como se comportar.

Além disso, o comportamento dos pais de Chris parece ter adquirido função discriminativa muitas vezes estabelecida por eles por meio de contingências de reforçamento negativo³. Chris fugia deles sempre que possível. Em Atlanta, não possuía telefone. Visitava pouco os pais e escrevia-lhes raramente. Ao sair em sua viagem, fez questão de não deixar vestígios. Mandou, inclusive, devolver toda a correspon-

² Tradução livre dos autores a partir do original “Rather than love, than money, than fame, give me truth. I sat at a table where were rich food and wine in abundance, and obsequious attendance, but sincerity and truth were not; and I went away hungry from the inhospitable board”.

³ Estímulos reforçadores negativos são aqueles que, quando removidos ou evitados, aumentam a probabilidade das respostas que produziram a remoção ou evitação (Catania, 1998/1999).

Na natureza selvagem

dência que seus pais lhe enviaram. De acordo com Sidman (1989/1995), “Reforçamento negativo gera fuga. Quando encontramos um reforçador negativo fazemos tudo que podemos para o desligarmos, para escapar dele” (p. 106). Sair de casa e se afastar da vida dos pais se caracterizam como comportamentos de fuga emitidos por Chris. A própria decisão de escolher um novo nome indica um comportamento de fuga de qualquer aspecto que pudesse remeter à família. A constante evitação do contato com os pais caracteriza, também, comportamentos de esquiva (i.e., comportamentos que evitam ou atrasam a apresentação de reforçadores negativos).

Mas por que Chris escolheu este caminho? Por que abandonar tudo e sumir, de maneira tão radical? Ele não poderia simplesmente ter ido morar em outra cidade, outro país, longe dos pais? Além do fato de que seu pai⁴ e seu avô reforçavam estes comportamentos “aventureiros”, pode-se supor que, mais uma vez, este tipo de comportamento tenha sido controlado também pelas regras de seus autores preferidos. Em “Walden”, por exemplo, Thoreau (1962) discorre sobre a liberdade que a vida na natureza pode proporcionar:

“A absoluta simplicidade e o despojamento da vida que o homem levava nos tempos primitivos tinham pelo menos a vantagem de deixá-lo ser hóspede da natureza. Quando se sentia retemperado pelo alimento ou pelo sono, tinha a estrada novamente diante de si. Morava neste mundo como se fosse numa tenda e estava sempre palmilhando vales, cruzando planícies, galgando cumes de montanhas” (p. 292).

Então, Chris vagou durante 2 anos pelos Estados Unidos e México, a maior parte do tempo sozinho, entrando em contato com contingências que propiciavam reforçadores positivos que não existiam ou eram escassos anteriormente, e que eram amplamente descritos pelos autores de seus livros favoritos. O filme sobre sua vida mostra um momento em que ele retorna à cidade e observa novamente o modo de vida das pessoas e o contraste entre a riqueza e a pobreza. Estas contingências, contrárias às regras descritas em seus livros e não condizentes com os reforçadores com os quais havia entrado em contato, provavelmente controlaram seu comportamento de continuar em seu caminho. Dessa forma, como as contingências com as quais Chris entrou em contato durante a viagem produziam reforçadores positivos que antes não eram produzidos (ou eram produzidos em baixa frequência), comportar-se em função destas contingências tornou-se mais provável. Um tipo de situação semelhante é descrito por Skinner (1948/1978), no livro “Walden II”, que conta a história de uma sociedade planejada com base em princípios derivados da Análise do Comportamento. Na citação abaixo, o idealizador desta sociedade, Frazier, relata aos visitan-

⁴ Se, por um lado, o pai não era um modelo de como se comportar, em outras situações servia como modelo (ou pelo menos era fonte de reforçadores sociais) para alguns comportamentos de Chris relacionados a aventuras, escaladas, etc.

Na natureza selvagem

tes a possibilidade de que os habitantes dessa comunidade visitassem outras cidades:

“– É claro que as nossas crianças sabem do mundo lá fora! Nós simplesmente nos asseguramos de que elas saibam toda a verdade! Nada mais é necessário. Nós as levamos, de tempos em tempos, para a cidade e elas veem os cinemas, as igrejas, os museus, as residências finas. Mas elas também veem o outro lado — os hospitais da cidade, as missões, o lar dos indigentes, os bares e as prisões. (...) Isto, em si, seria suficiente [para que as crianças retornassem a Walden]” (p. 208).

Além dos reforçadores positivos, escapar das contingências aversivas arranjadas pelos pais também mantinha o comportamento de Chris de continuar afastado deles. Este padrão comportamental ocorria também quando Chris entrava em contato com contextos. Este processo, no qual o organismo se comporta de maneira semelhante na presença de estímulos semelhantes, é conhecido como generalização de estímulos (quando os estímulos são *fisicamente* semelhantes) ou equivalência de estímulos (quando os estímulos estão *funcionalmente* relacionados; Albuquerque & Melo, 2005; Sidman, 1994). Este padrão pode ser identificado, por exemplo, na relação de Chris com Jan Burres e Bob, com Wayne Westerberg e sua namorada e com Ron Franz. Estas pessoas tiveram uma característica comum em sua relação com Chris: aproximaram-se dele como se fossem um membro da família. Porém, “família”⁵, na história comportamental de Chris, indicava contingências aversivas. Assim como fugia e se esquivava do contato com sua família, ele fugia das perguntas de Jan sobre seus pais e de sua insistência em “tentar ser sua mãe”. Também fugia das tentativas de Westerberg de aproximá-lo de sua família e de insistir para que ficasse trabalhando mais tempo no elevador de cereais. Por fim, fugiu consistentemente das tentativas de Ron Franz de tentar adotá-lo e torná-lo membro de uma família. De acordo com Skinner (1953/2000; ver também Sidman, 1989/1995), comportamentos de esquiva podem ser emitidos quando o organismo entra em contato com estímulos aversivos condicionados, neste caso, contextos cuja função seja semelhante àquela estabelecida pelas contingências aversivas arranjadas pelos pais. Dessa forma, as contingências arranjadas por sua família e contingências funcionalmente semelhantes arranjadas pelas pessoas que Chris conheceu durante a viagem passaram a formar classes de estímulos equivalentes, que controlavam comportamentos semelhantes quando o rapaz era exposto a elas.

Porém, por mais que estas novas contingências vividas por Chris se assemelhassem a contextos relacionados à sua família, elas não eram exatamente iguais e Chris se expunha a elas com frequência (trabalhou para Westerberg em mais de uma

⁵ Ainda que a irmã de Chris possa ter arranjado contingências reforçadoras positivas dentro da família, os pais estabeleciam contingências tão aversivas que a irmã sozinha não foi capaz de manter Chris próximo a eles. Entrar em contato com a irmã significava entrar em contato com os pais.

Na natureza selvagem

oportunidade, visitou Jan Burres e Bob mais de uma vez). Todavia, o contato com novos reforçadores não foi suficiente para mudar a função de contingências relacionadas à sua história familiar. Dessa forma, Chris fugiu da maneira como pode de qualquer tipo de convivência íntima e prolongada com outras pessoas que se assemelhasse, minimamente, ao vivido com sua família.

Estes comportamentos de fuga e esquiva emitidos por Chris o levaram ao isolamento no ônibus abandonado no Alasca. As variáveis que podem ter controlado estes comportamentos parecem mais claras. Alguns reforçadores positivos que possivelmente seriam produzidos por este tipo de comportamento eram descritos, por exemplo, por Jack London, quando narra o orgulho sentido pelo cão Buck ao sobreviver no ambiente natural em “O chamado da floresta”: “Era um matador, uma criatura que caçava, vivia de seres vivos, sozinho, sem nenhuma ajuda, graças à sua própria força e valentia, sobrevivendo vitorioso num ambiente hostil onde só os fortes sobrevivem” (London, 1903/1999, p. 100).

Todavia, mesmo com esta descrição de contingências reforçadoras pelos seus autores favoritos, algumas questões ainda precisam ser respondidas: por que Chris tentou retornar do ônibus? E o que o levou a reconhecer que “a felicidade só é verdadeira quando compartilhada”? Provavelmente, com o tempo, ficar isolado tornou-se menos reforçador. Os reforçadores são relativos e não absolutos. A eficácia dos reforçadores muda com o tempo e uma dada consequência pode reforçar algumas respostas, mas não outras (Catania, 1998/1999).

“A relatividade do reforço nos lembra que não deveríamos esperar que a efetividade dos reforçadores seja constante através de diferentes respostas reforçadas, diferentes indivíduos ou mesmo em diferentes amostras de tempo do comportamento de um único indivíduo. A moral é que, quando um reforçador é efetivo sobre algum comportamento em algum contexto, não devemos supor que ele será efetivo sobre outro comportamento ou mesmo sobre o mesmo comportamento em outros contextos” (Catania, 2000, p. 27).

Durante a viagem, Chris entrou em contato tanto com reforçadores de viajar (conhecer lugares etc.) quanto com reforçadores sociais (em função das pessoas que conheceu). No entanto, após se isolar no ônibus abandonado, Chris entrou em contato com algumas contingências aversivas como, por exemplo, não conseguir atravessar o rio e enfrentar dificuldades para se alimentar, além do isolamento social. Como visto anteriormente, contingências aversivas aumentam a probabilidade da emissão de respostas de fuga e esquiva. Porém, desta vez, Chris parecia não ter como fugir delas, pois não havia como atravessar o rio. Estas contingências modificaram inclusive o comportamento dele em relação às pessoas. Seus pais haviam sido modelos de pessoas mentirosas, que contrastavam com as descrições de contingências às quais

Na natureza selvagem

Chris estava exposto (principalmente por meio de suas leituras). Durante a viagem, ele conheceu pessoas que não se enquadravam no modelo dos pais, mas Chris acabou fugindo de todas estas pessoas antes que a função que tinham em sua vida pudesse ser modificada por meio de novas relações que estabelecesse com elas.

As contingências aversivas com as quais entrou em contato durante o isolamento no Alasca (que, em algumas ocasiões, foi descrita por Chris como “temporária”) provavelmente controlaram o comportamento do rapaz de tentar voltar à civilização. Não se sabe ao certo o que planejava fazer quando retornasse. Talvez ele voltasse ao acampamento de Jan Burres e vivesse com eles ou voltasse a trabalhar para Westberg. Talvez continuasse sozinho ou voltasse a viver com Ron Franz. Todas essas possibilidades pareciam produzir mais reforçadores do que as contingências arranjadas pelos pais ou mesmo que aquelas vivenciadas por Chris durante o isolamento no Alasca.

Considerações Finais

O objetivo deste capítulo foi apresentar uma análise de aspectos da história de Chris com base em conceitos da Análise do Comportamento. Espera-se que estudantes e professores possam utilizar o filme “Na natureza selvagem” e o livro de Krakauer (1996/2008) como recursos para o ensino e a discussão de conceitos da Análise do Comportamento. Após a descrição de uma parte da história de Chris, foi apresentada uma proposta de análise funcional de seu comportamento de abandonar a família e perambular pelos Estados Unidos e México.

A análise proposta no presente capítulo é interpretativa, no sentido de que não pode ser testada manipulando-se variáveis e observando os efeitos sobre o comportamento sendo estudado. Contudo, mesmo que o acesso às informações sobre a vida de Chris seja limitado, esta análise pode produzir reflexões importantes e, neste sentido, não difere de interpretações baseadas em conceitos derivados de análises científicas sistemáticas. Além disso, esta parece ser uma habilidade importante de ser aprendida e ensinada a analistas do comportamento, sobretudo quando seu trabalho será desenvolvido em áreas nas quais a interpretação é uma ferramenta central e a coleta sistemática de informações não é possível ou depende da descrição verbal de terceiros (como, por exemplo, a clínica comportamental).

Neste sentido, destaca-se o caráter didático do texto. A utilização de recursos literários e cinematográficos pode servir como um convite à reflexão sobre diversos tópicos de interesse no ensino de Análise do Comportamento. Skinner (1978), por exemplo, realizou diversas análises sobre relações de controle do comportamento verbal baseadas em obras literárias. Esta estratégia também foi utilizada por outros autores analistas do comportamento (ver, por exemplo, Amorim, 2001; de-Farias & Ribeiro, 2007/2014, 2014; Guilhardi, 2001). A ideia de usar filmes como recurso didá-

Na natureza selvagem

tico é difundida em várias disciplinas científicas (Oliveira, 2006), tomando-se cuidado para não reduzir a obra cinematográfica a um mero recurso de ensino e nem atribuir um valor didático excessivo ao filme, que foi concebido primariamente como obra de arte audiovisual (Napolitano, 2003). Este recurso pode permitir que os estudantes possam generalizar o conhecimento teórico e empírico para contextos práticos e passar a descrever relações funcionais entre o comportamento dos organismos e o ambiente em situações diversas. Também permite que alguns conceitos possam ser discutidos com os estudantes, já que exemplos destes processos comportamentais podem ser identificados no livro e no filme que narram a vida de Chris.

Referências

- Albuquerque, A. R., & Melo, R. M. (2005). Equivalência de estímulos: Conceito, implicações e possibilidades de aplicação. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp. 245-264). Porto Alegre: Artmed.
- Albuquerque, L. C., dos Reis, A. A., & Paracampo, C. C. P. (2008). Efeitos de histórias de reforço, curtas e prolongadas, sobre o seguimento de regras. *Acta Comportamental*, 16(3), 305-332.
- Amorim, C. (2001). Quem é o Sr. Mortimer? Uma análise do comportamento de tirar conclusões de Sherlock Holmes e Watson. Em H. J. Guilhardi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 8. Expondo a Variabilidade* (pp. 339-349). Santo André: ESETEC.
- Andery, M. A. P. A., & Sérgio, T. M. A. P. (2004). Consequências intrínsecas e extrínsecas. Em C. E. Costa, J. C. Luzia & H. H. N. Sant'Anna (Eds.), *Primeiros Passos em Análise do Comportamento e Cognição* (Vol. 2, pp. 43-48). Santo André: ESETEC.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari, & E. Z. Tourinho, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Butchart, R. E., & Cooper, B. L. (1987). Perceptions of education in the lyrics of american popular music, 1950-1980. *American Music*, 5(3), 271-281.
- Calixto, F. C., Ponce, G. D., & Costa, C. E. (2014). O efeito de diferentes instruções sobre o comportamento em DRL e a sensibilidade comportamental. *Acta Comportamental*, 22(2), 201-217.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição* (D. G. de Souza, trad. coord.). Porto Alegre: Artmed.

Na natureza selvagem

- Catania, A. C. (2000). Ten points every behavior analyst needs to remember about reinforcement. In J. C. Leslie & D. E. Blackman (Eds.), *Experimental and Applied Analysis of Human Behavior* (pp. 23-37). Reno, NV: Context Press.
- Costa, C. E., Cirino, S. D., Cançado, C. R. X., & Soares, P. G. (2009). Polêmicas sobre história comportamental: Identificação de seus efeitos e sua duração. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 317-326.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (Orgs.) (2007/2014). *Skinner vai ao cinema: Volume 1*. Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v1_2a_ed_2014.pdf.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (Orgs.) (2014). *Skinner vai ao cinema: Volume 2*. Brasília: Instituto Walden4. Retirado de http://www.walden4.com.br/livros/w4/pdf/iw4_skinner_vai_ao_cinema_v2_1a_ed_2014.pdf.
- Donahoe, J. W., & Palmer, D. C. (1994). *Learning and complex behavior*. Needham Heights, MA: Allyn and Bacon.
- Freeman, T. J., & Lattal, K. A. (1992). Stimulus control of behavioral history. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 57(1), 5-15.
- Galizio, M. (1979). Contingency-shaped and rule-governed behavior: Instructional control of human loss avoidance. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 31, 53-70.
- Guilhardi, H. J. (2001). O toque do amor num universo de linhas paralelas: “Gritos e Sussurros” de Ingmar Bergman. Em H. J. Guilhardi, P. P. Queiroz & M. C. Scoz. (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 8. Expondo a Variabilidade* (pp. 143-151). Santo André: ESETec.
- Krakauer, J. (1996/2008). “Na natureza selvagem” (P. M. Soares, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- London, J. (1903/1999). *O chamado da floresta* (L. H. M. Correia, trad.). São Paulo: Ática.
- Lopes, C. E. (2008). Uma proposta de definição de comportamento no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 1-13.
- Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 3(2), 51-66.

Na natureza selvagem

- Meyer, S. B. (2001). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Vol. 2. A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Meyer, S. B. (2005). Regras e auto-regras no laboratório e na clínica. Em J. Abreu-Rodrigues & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Análise do Comportamento: Pesquisa, teoria e aplicação* (pp.211-228). Porto Alegre: Artmed.
- Napolitano, M. (2003). *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- Okouchi, H. (2003b). Stimulus generalization of behavioral history. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 80(2), 173-186.
- Oliveira, B. J. (2006). Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 13, 133-150.
- Sidman, M. (1989/1995). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sérgio, trads.). Campinas: Livro Pleno.
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research history*. Boston: Authors Cooperative.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1948/1978). *Walden II: Uma sociedade do futuro* (R. Moreno, trad.). São Paulo: EPU.
- Skinner, B. F. (1953/2000). *Ciência e Comportamento Humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B.F. (1957/1978). *Comportamento Verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981/2007). Seleção por consequências (C. R. X. Cançado, P. G. Soares & S. Cirino, trads.). *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9, 129-137.
- Staddon, J., & Simmelhag, V. (1971). The “superstition” experiment: A reexamination of its implications for the principles of adaptive behavior. *Psychological Review*, 78, 3-43.
- Thoreau, H. D. (1962). *The portable Thoreau*. New York: The Viking.